

# *Ficções*

José Marcos Resende Oliveira | Aleph – Escola de Psicanálise

*Para Ruth Silviano Brandão*

*Resumo: Este artigo propõe refletir sobre as relações entre vida e obra, a partir do tema “biografemas” de Roland Barthes.*

*Palavras-chaves: vida, obra e biografemas.*

*Tudo o que neles existia, meigo ou vibrante, foi extraído pelo autor para formar esse livro único – livro sem índice, porque era infinito – sem margens, para que o fastio não viesse escrever nelas as suas notas, – sem fita, porque já não tínhamos precisão de interromper a leitura e marcar a página.<sup>1</sup>*

Muito se tem dito e escrito sobre as relações entre vida e obra de Machado de Assis e, dentre sua vasta galeria de personagens, Luís Garcia e o Conselheiro Aires são descritos como as mais próximas do esboço de uma persona machadiana. Ao que parece, a vida deixaria traços na obra que poderiam servir de interpretações para a compreensão do autor, ao passo que a obra poderia esclarecer pontos obscuros e silenciados na vida do escritor. Será que poderíamos pensar

1. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 420-421.

uma relação entre vida e obra machadianas de maneira diversa? Será que podemos pensar vida e obra tecendo uma escritura, uma terceira margem?

Deixemos, para abrir o espaço para reflexão sobre essa terceira margem, nem vida nem obra, mas escritura, este pequeno trecho extraído de *A Vida Escrita*, de Silviano Brandão, em que a escritora afirma, ao se perguntar sobre a importância de conhecer a biografia de um escritor: “Não são simetrias entre vida e obra o que me interessa, talvez sejam tangenciamentos, pontos de causa de escrita. [...] É o que obriga a escrita”.<sup>2</sup>

Era um belo dia, quando supôs ter de deixar o Rio de Janeiro, e Luís Garcia começa a arranjar alguns papéis esparsos e antigos. Ao pé da secretária, havia uma cesta transbordando papéis; sobre a secretária, papéis; nas mãos de Estela, mais papéis e ainda outros pelo chão, pois Luís Garcia tinha o costume de guardar tudo: cartas, exemplares de jornais, apontamentos e cópias e “de longe em longe inventariava e liquidava o passado”.<sup>3</sup> Nesse ponto da narrativa, a imagem que se tem é da água que se avoluma e, por extensão, a de um rio de papéis que transborda a cesta e ameaça afogar o pai de Iaiá.

Se a maioria dos papéis era composta de destroços inúteis, na secretária, ao pé de Luís Garcia, havia ainda um maço pequeno de coisas que seriam mais uma vez conservadas, mas a maior parte do que guardara seria mesmo destinada ao lixo, dentre os quais jornais marcados com cruces e traços, indicando o trecho de uma leitura que outrora lhe chamara a atenção, mas agora que “a impressão que comunicara algum interesse ao escrito desaparecera de todo; o escrito era um esqueleto”.<sup>4</sup>

O que faz um esqueleto ter interesse? O que traz vida a um esqueleto, no sentido de reavivá-lo? O que faz uma coisa morta e enterrada, qual o recalçado, ganhar vida? O que faz um “bilhete encardido e sem data” tornar-se “moço como os bilhetes velhos”?<sup>5</sup> O que faz papéis velhos serem lidos como papéis novos? A resposta é óbvia: são os olhos de quem os vê ou os lê, como se vêem e lêem os hieróglifos em um deserto; são os ouvidos de quem os escuta ou os lê em voz baixa, como se aquele som recalçado provocasse silêncio ao redor; são as mãos

2. SILVIANO BRANDÃO, 2006, p. 25.

3. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. I, p. 450.

4. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. I, p. 451.

5. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. I, p. 988.

de quem os tateiam e sentem a sua ranhura, rasura e descontinuidade. Mas o que move o olhar, a escuta e as mãos senão o desejo em um corpo?

Ao inventariar o passado, ao mexer nos destroços inúteis, destruindo o guardado, dilacerando os papéis em dois ou trinta pedaços, conforme a gravidade do assunto, revendo a imagem do passado passar, entre cartas, exemplares de jornais, apontamentos e simples cópias, Luís Garcia encontra uma carta escrita por Jorge, tempos atrás. Embora lhe seja endereçada, ela já não lhe interessava mais, pois, para ele a carta era apenas um esqueleto naquele cemitério de recordações. Mas, como o desejo, que se desloca metonimicamente, a carta desperta o interesse de leitura em Estela e Lina; a carta, embora não endereçada a elas, aportará em suas mãos, diferentes mãos daquelas dos nomes sobrescritos.

Essa carta agitará suas letras de fogo sobre a cabeça da madrastra e da enteada, pois as cartas e bilhetes circulam, deslocam-se, confundem-se, misturam-se, cruzam-se. Há, por certo, uma atemporalidade neles, cartas e bilhetes, porque podem esperar por anos, séculos ou milênios para serem lidos. A carta de Jorge para Luís Garcia não interessava nem ao destinatário sobrescrito nem ao remetente, mas conservava um tipo especial de letras: letras de fogo, agora esquecidas por quem as escreveu, mas legíveis e incendiárias para aqueles que, movidos pelos desejos, têm olhos para ler e ouvidos para escutar.

Aparece o mesmo gesto de rever a imagem do passado, através do inventário de papéis velhos, cartas, exemplares de jornais, apontamentos e simples cópias e, conseqüentemente, destruir, dilacerar e incinerar, em outra narrativa machadiana, nas mãos do conselheiro, diplomata e aposentado Aires. Em 17 de outubro de 1888, escreve o conselheiro em seu diário, que o criado, José, trouxera-lhe uns papéis velhos achados dentro de uma mala. Aires, então, pensa em passar o dia 17 de outubro, dia de seu aniversário, a reler as cartas, apontamentos, minutas, contas, “um inferno de lembranças que era melhor não se terem achado”<sup>6</sup> mas fica entre dois extremos: lê-las primeiro ou queimá-las já, optando pelo segundo: “Resolvo mandar queimar os papéis [...] Poderia dizer-lhe [ao José] que a gente traz na cabeça outros papéis velhos que não ardem nunca nem se perdem por malas antigas; não me entenderia”.<sup>7</sup>

Esse Aires, que no *Memorial* manda queimar “o inferno de lembranças”, é o mesmo que deixa os sete cadernos manuscritos, encapados em

6. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. I, p. 1.160.

7. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. III, p. 1.161.

papelão, com os números romanos escritos em tinta encarnada. Em *Esau e Jacó*, é descrito como um colecionador de relíquias, pois além de passear pelas praias e ruas dos bairros do Rio de Janeiro, de ler e reler, de compor o *Memorial*, Aires tinha a feição de guardar os objetos para lembrar as coisas passadas:

Estas eram muitas e de feição diversa, desde a alegria até a melancolia, enterramentos e diversões diplomáticas, uma braçada de folhas secas, que lhe pareciam verdes agora. Alguma vez as pessoas eram designadas por um X ou \*\*\*, e ele não acertava logo quem fossem, mas era um recreio procurá-las, achá-las e completá-las.

Mandou fazer um armário envidraçado, onde meteu as relíquias da vida, retratos velhos, mimos de governos e de particulares, um leque, uma luva, uma fita e outras memórias femininas, medalhas e medalhões, camafeus, pedaços de ruínas gregas e romanas, uma infinidade de cousas que não nomeio, para não encher papel. As cartas não estavam lá, viviam dentro de uma mala, catalogadas por letras, por cidades, por línguas, por sexos. Quinze ou vinte davam para outros tantos capítulos e seriam lidas com interesse e curiosidade. Um bilhete, por exemplo, um bilhete encardido e sem data, moço como os bilhetes velhos, assinados por iniciais, um M e um P, que ele traduzia com saudades. Não vale dizer o nome.<sup>8</sup>

A obra de um escritor pode lançar luzes sobre pontos da vida. Sabemos que algumas cartas pessoais de Machado de Assis escritas para José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo fazem parte de uma correspondência, no sentido matemático do termo, em que há relações de proporção, simetria e identificação, quanto aos ideais culturais, literários e sociais, em congruência com a doxa de seu tempo, ajudando a construir uma ficção de Machado de Assis como homem culto, adepto das rodas literárias da Garnier, incentivador da Academia Brasileira de Letras, funcionário e marido exemplares. Tal ficção ficou perpetuamente ilustrada no quadro pintado por Henrique Bernadelli e na foto de Machado de Assis feita por Marc Ferrez.

Por outro lado, algumas cartas romanescas, por sua vez, embora escritas por personagens, também fornecem dados de pontos poucos explorados em Machado de Assis. Retroativamente, a partir da “Exposição de Machado de Assis”, em 1959, em que foram publicadas as duas cartas do escritor para Carolina,

8. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. I, p. 988.

– as duas únicas cartas que foram salvas da destruição pelo fogo –, podemos aproximá-las da carta escrita por Mendonça para Margarida, por exemplo, que se encontra no conto “Miss Dólar”.<sup>9</sup> Não será difícil para os machadianos encontrarem aspectos biográficos nessa carta. Ela, por sua vez, não foi queimada e foi oferecida ao leitor comum, em forma de carta romanesca.

Outra carta romanesca que fornece pista sobre o processo escritural de Machado de Assis é aquela de Quincas Borba para o amigo e duplo herdeiro, das finanças e da loucura, Rubião. Nessa carta há não somente uma pista de como o leitor Quincas Borba escreve suas cartas, mas, também, como suas leituras participam do texto ficcional. Ao afirmar: “Sou Santo Agostinho”,<sup>10</sup> é como se Quincas Borba dissesse sou aquele que leio, incorporo o que leio, roubo o que leio, identifico-me ao que leio, alimento-me, qual na cena do banquete totêmico, do que a tradição me oferece como leitura. O que leio está entranhado nele, faz parte de sua tessitura, da sua ficção. Por ser um leitor verdadeiramente ruminante, é como se Machado de Assis dissesse: ao apropriar-me do alheio, em meus romances, crônicas e contos, faço outro texto; a partir de textos alheios, crio a minha própria escrita.

Mas, em ambos os casos, o de algumas cartas pessoais e outras romancescas, o que temos são possibilidades de leituras, nunca a definitiva e acabada. E não se consegue, a não ser com esforço tremendo, buscar verdades biográficas definitivas na obra. Quando Jean-Michel Massa trabalhava na organização das listas dos livros da biblioteca de Machado de Assis, uma das coisas que lhe chamou a atenção foi o fato de não haver marcas gráficas (pequenas anotações ao lado do texto, nem sinais, nem cruces, nem traços) nos livros que o escritor lera: “Ora” afirma Massa “ele não anotava nos livros que lia” e conclui: “Ele preferiu deixar a lembrança de um escritor cuja vida importava pouco”.<sup>11</sup> Desta forma, Machado de Assis se distancia muito de Luís Garcia que, como vimos, deixava rastros gráficos em suas leituras, e, por sua vez, aproxima-se muito de Quincas Borba!

Mas seremos nós, que caminhamos também nas searas da psicanálise, a negar a importância da vida nas páginas escritas? Seremos nós que negaremos o gesto corporal da mão que escreve, unindo corpo e escrita, com seus ritmos, respiração, tiques, pausas, ao sulcar a folha de papel, ao apoiar sobre o texto, ao

9. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. II, p. 37.

10. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. I, p. 651.

11. MASSA, 2001, p. 25.

folhear o que foi escrito? Há fatos na vida, que deixam seus rastros na obra. Não podemos negar alguns importantes na vida de Machado de Assis, todos conhecidos por todos os biógrafos do escritor: primeiro, a convivência, na infância, com a madrinha, dona Maria José de Mendonça Barroso, viúva de Bento Barroso Pereira, que fora senador, oficial do exército e, por duas vezes, ministro; segundo, a doença que o acomete e o faz se ausentar do Rio de Janeiro, período descrito assim por Lúcia Miguel Pereira: “Entre *Iaiá Garcia* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, entre o romancista medíocre e o grande romancista, existiu apenas isso: seis meses de doença, de outubro de 1878 a março de 1879, três dos quais passados na roça”;<sup>12</sup> terceiro, o falecimento de Carolina, em 1904.

Os três episódios na vida de Machado de Assis participam da composição de dois pontos de virada em sua obra, que são as *Memórias póstumas de Brás Cubas* e o *Memorial de Aires*. No hiato entre *Iaiá Garcia* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, após uma galeria de personagens femininas imponentes, majestosas e fálicas, todas descritas como mulheres próximas aos cinquenta anos, que controlam com mão segura as vidas de outras personagens, como a Baronesa, em *A mão e a luva*; dona Úrsula, em *Helena*; Valéria Gomes, em *Iaiá Garcia*; surgem mulheres pulsionais, enigmáticas e complexas, como Virgília, em *Memórias póstumas de Brás Cubas*; Sofia, em *Quincas Borba*; Capitu, em *Dom Casmurro*; Flora, em *Esau e Jacó* e Fidélia, em *Memorial de Aires*.

Par e passo, as personagens masculinas indecisas e débeis como Dr. Félix, em *Ressurreição*; Luís Alves, em *A mão e a luva*; Dr. Estácio, em *Helena* e Jorge, em *Iaiá Garcia* dão lugar para protagonistas homens e, principalmente, todos escritores como o próprio Machado de Assis: Brás, em *Memórias póstumas*; Quincas Borba, em *Memórias póstumas* e *Quincas Borba*; Bento Santiago, em *Dom Casmurro* e Aires, em *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires*.

Se a doença de Machado de Assis e a escrita de *Memórias póstumas* coincidem no tempo cronológico da vida do escritor, o mesmo ocorre quando do falecimento de Carolina, em 1904. A ausência da companheira fez, da dor, versos, que foram dedicados àquela com quem convivera por mais de trinta anos, perpetuados no soneto “A Carolina”, publicado no livro *Relíquias da casa velha*. Relíquia é “coisa preciosa e mais ou menos antiga, à qual se dedica grande estima”.<sup>13</sup>

12. PEREIRA, 1988, p. 168.

13. HOUAISS, 2004, p. 2.422.

Coincidentemente, relíquia será uma palavra que terá interesse especial para Pascal Quignard: “Soudain, je suis un reliquaire dont la reli que s’évade, qui semble consentir “a revenir, et qui fuit”.<sup>14</sup> O consolo no desconsolo foi procurado mais uma vez na escrita. O soneto foi a resposta mais íntima, o prelúdio para a resposta mais consistente, isto é, a produção de outro romance, *Memorial de Aires*.

Segundo Magalhães Júnior, Machado de Assis manteve um mistério na publicação do *Memorial* maior que na de outros livros. O biógrafo pergunta-se: “Por que todo esse mistério, em torno da publicação do último livro? Mania de velho? Sinal de caduque precoce? Se tinha tanto pudor de revelar coisas de sua vida íntima nesse livro, por que mesmo assim o publicava?”<sup>15</sup> Podemos acrescentar: por que não queimou o manuscrito, como Aires fizera com seus papéis velhos ou mesmo como o próprio Machado de Assis ordenara em relação às cartas trocadas com Carolina? Deixemos essa resposta provisória: possivelmente porque já não se encontrava mais lá, onde se supusesse encontrá-lo. É tempo, agora definirmos a palavra ficção.

Tanto o dicionário Aurélio como o Houaiss trazem diversos significados para a palavra ficção, sendo que o primeiro deles é “Ato ou efeito de fingir”.<sup>16</sup> Quanto a fingir, um dos significados é “aparentar, simular”.<sup>17</sup> Sabemos que, ao nos constituirmos na linguagem, algo se perde e todas as possibilidades de encontrar o objeto perdido, fracassam. Quando Hyppolite comenta o texto “A negativa”, de Freud, afirma: “Há no começo, parece dizer Freud – mas “no começo” não quer dizer outra coisa, senão “era uma vez”...”<sup>18</sup> Assim, todas as buscas de verdades em relação à qualquer origem, estão desde sempre fadadas ao fracasso e trarão sempre o selo de uma ficção, “era uma vez”. Deixemos, então, de uma vez por todas, a tentativa de buscarmos verdades definitivas nas relações entre vida e obra, como se pudéssemos atrelar um significante a um significado único.

Em *A câmara clara*, Barthes se refere ao tema biografemas: “Do mesmo modo, gosto de certos traços biográficos que, na vida de um escritor, me encantam tanto quanto certas fotografias; chamei esses traços de biografemas”.<sup>19</sup>

14. QUIGNARD, 1993, p. 59.

15. MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, p. 330.

16. AURÉLIO, 1986, p. 774.

17. AURÉLIO, 1986, p. 781.

18. HYPPOLITE, 1986, p. 899.

19. BARTHES, 1984, p. 51.

Em *Sade, Fourier, Loyola*, Barthes escreve que, se ele fosse um escritor morto, gostaria de ver sua vida resumida em alguns pormenores: “a alguns gostos, a algumas inflexões, digamos: “biografemas”, cuja distinção e mobilidade poderiam viajar fora de qualquer destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão”.<sup>20</sup>

Podemos, então, retomar a frase do narrador de *Iaiá Garcia*, “o escrito era um esqueleto”, e pensarmos a relação entre vida (esqueleto) e obra (escrito) na noção de biografema barthesiano, mas não mais como se a vida explicasse a obra, ou se a obra trouxesse elementos para a vida, mas no sentido de que elementos que “tangenciam” vida e obra, como dissera Silviano Brandão, e pudessem “viajar sem destino e vir tocar, à maneira dos átomos epicurianos, algum corpo futuro, prometido à mesma dispersão”, como sugere Barthes.

Haverá outros tantos, mas propomos dois biografemas na obra machadiana: a leitura do *Eclesiastes* e o armário envidraçado: primeiro, porque aparecem referenciados na vida (cartas pessoais e relatos de pessoas próximas à Machado de Assis) e na obra (*Iaiá Garcia*, *Memorial de Aires* e *Esau e Jacó*); segundo, porque estabelecem uma passagem entre vida e obra, raras em Machado de Assis; terceiro porque é, com grande possibilidade de acerto, um traço autobiográfico, um daqueles traços particulares, dos mais íntimos, como pequenos gestos que insistem na lembrança quando recordamos os amigos mais amados que se foram.

Vamos à leitura do *Eclesiastes*. Em um pequeno trecho da carta escrita para Joaquim Nabuco, Machado de Assis se referiu ao livro bíblico: “Desde cedo, li muito Pascal, para não citar mais que este, e afirmo-lhe que não foi por distração. Ainda hoje, quando torno a tais leituras, e me consolo no desconsolo do *Eclesiastes*, acho-lhes o mesmo sabor de outrora”,<sup>21</sup> e, em uma crônica, citada por Gustavo Corção, Machado de Assis escreve:

Onde há muitos bens, há muitos que os comam, diz *Eclesiastes*, e eu não quero outro manual de sabedoria. Quando me afligem os passos da vida, vou-me a esse livro para saber que tudo é vaidade. Quando ficar de boca aberta diante de um fato extraordinário, vou-me ainda a ele, para saber que nada é novo debaixo do sol.<sup>22</sup>

20. BARTHES, 2005, p. 14.

21. GRAÇA ARANHA, 2003, p. 139.

22. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. III, p. 330.

O narrador de *Iaiá Garcia* cita o *Ecclesiastes*,<sup>23</sup> bem como em *Memorial de Aires*, o diário do conselheiro refere-se, mais uma vez, à leitura e à devoção a esse livro:

Também, se foi verdadeiramente lágrima, foi tão passageira que, quando dei por ela, já não existia. Tudo é fugaz no mundo. Se eu não tivesse os olhos adoentados dava-me a compor outro *Ecclesiastes*, à moderna, posto nada deva haver moderno depois daquele livro. Já dizia ele que nada era novo debaixo do sol, e se o não era então, não o foi nem será nunca mais. Tudo é assim contraditório e vago também.<sup>24</sup>

Se a leitura do *Ecclesiastes* torna, por sua vez, obrigatória para a leitura do *Memorial de Aires*, o armário envidraçado, enlaça a tessitura da escrita. Como já foi dito, Aires mandara fazer esse armário onde colocava “as relíquias da vida, retratos velhos, mimos de governos e particulares”.<sup>25</sup> Por sua vez, Machado de Assis tinha também um móvel especial para guardar as suas relíquias, como o fez com o último exemplar de *Esau e Jacó*, que Carolina lera trechos, como atesta a carta escrita em 04 de fevereiro de 1905, escrita para José Veríssimo: “Foi certamente o último volume que a minha companheira folheou e leu trechos, esperando fazê-lo mais tarde, como aos outros que ela me viu escrever. Cá vai o volume para o pequeno móvel onde guardo parte das lembranças dela”.<sup>26</sup>

Silviano Brandão, em seu artigo “A Travessia da Escrita em Machado de Assis”, observa que há nesse romance um processo de “desvestimento imaginário das grandes narrativas, das grandes personagens, das grandes encenações dramáticas, quando a referencialidade se torna secundária, quando se faz escritura”.<sup>27</sup> De fato, desbastado e estreito, o diário do Conselheiro Aires não comporta nem os dados biográficos de Aires (esses em sua maioria aparecem em *Esau e Jacó*, particularmente nos capítulos “Esse Aires” e o “Aposentado”, ao passo que no diário temos poucas informações sobre sua biografia), nem propriamente de Machado de Assis, embora tenha pormenores que o impeliram ao pudor na

23. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. I, p. 407.

24. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. I, p. 1.141.

25. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. I, p. 988.

26. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. III, p. 1.073.

27. SILVIANO BRANDÃO, 2000, p. 193.

publicação. O que surge na pena do diplomata aposentado não é nem um, nem outro, mas um terceiro, feito a partir de restos dos dois.

A partir dos restos das representações do eu, tanto de Aires quanto de Machado de Assis, daquilo que já não é mais, e dos restos das idealizações do eu, do que caiu, surge a escrita do diário. Por isso mesmo, a noção de biografemas, quando atingem pontos de desbastamento e estreiteza entre vida (bio) e obra (grafema), fazem surgir, por breves momentos, alguns pormenores, alguns gostos, algumas inflexões, como diz Barthes.

Os biografemas têm algo haver com a linguagem poética, pois são pormenores, gostos e inflexões, mas, como a poesia, jamais unívocos, sendo antes plurívocos, superpostos, sobredeterminados, em uma superposição de símbolos tão complexos como uma frase poética e que, de forma alguma se prestam para uma interpretação última e definitiva, mas sempre de uma palavra que possui vários significados, não se atrelando em nenhum deles definitivamente. Assim, ao falarmos em leitura do *Eclesiastes*, podemos ter, em princípio, vários significados: cartas, crônicas, romances, consolo, dor, moderno, Aires, Machado de Assis... e, ao falarmos em armário envidraçado: cartas, crônicas, romance, relíquias, papéis velhos, Aires, Machado de Assis, Carolina...

Se tirássemos todo e qualquer valor do que escreveu Machado de Assis, incluindo o valor literário, mesmo assim poderíamos constatar que o escritor, durante toda a vida, escreveu: cartas, poesias, críticas, romances, contos e crônicas. A escrita nunca o abandonou. Em algumas cartas escritas para Mário de Alencar, quando ambos se encontravam doentes, Machado de Assis reafirmava o valor terapêutico da Arte, seja da criação literária, seja da tradução, seja da leitura, aconselhando o amigo enfermo o trabalho com as letras como forma de remédio: “A arte é o remédio e o melhor deles”,<sup>28</sup> e, em outra ocasião: “[...] em duas palavras, busque o remédio na Arte”.<sup>29</sup>

Como tudo se transforma nas mãos de Machado de Assis em escrita, na palavra escrita, talvez possamos, nas duas orações, trocar uma palavra, sem alterar tanto o sentido, por um verbo: “O escrever é remédio e o melhor deles”. A partir daí a escritura surge como terceira margem, ficções possíveis para a impossível vida.

28. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. III, p. 1.087.

29. MACHADO DE ASSIS, 1997, v. III, p. 1.088.

*Abstract:* This article proposes reflect on the relationship between life and work of Machado de Assis, from the theme “Biografemas” by Roland Barthes.  
*Keywords:* life, work, biografemas.

Referências

- BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A câmara clara*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- GRAÇA ARANHA (Org.). *Correspondência: Machado de Assis e Joaquim Nabuco*. 3. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.
- HYPPOLITE, Jean. Comentário falado sobre a “Verneinung” de Freud. In: LACAN, Jacques-Marie. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. p. 893-902.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Correspondência. Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1957. v. 31.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. 4 v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1981.
- MASSA, Jean-Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luís (Org). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- PEREIRA, Lúcia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- QUIGNARD, Pascal. *Le nom sur le bout de la langue*. Paris: Gallimard, 1993.
- SILVIANO BRANDÃO, Ruth. A travessia da escrita machadiana. *Scripta Literatura*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, 1 sem. 2000, p. 187-193.
- \_\_\_\_\_. A vida escrita. In: \_\_\_\_\_. *A vida escrita*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2006.